

Evidentemente, as descobertas ao longo dos primeiros anos do TV de Vanguarda não se fizeram de imediato, mas sim aos poucos, nascidas da experiência, observação e comparação a cada novo espetáculo encenado. Entre elas, uma das mais importantes foi a de constatar que a grande força da TV, ainda de acordo com Walter George Durst, residia no intimismo, ou seja, mostrar o ator por dentro e o que ele estava pensando. E para isso nada melhor do que o close, em detrimento dos grandes planos gerais que, na verdade, se perdiam no vídeo reduzido do televisor. Conseqüentemente, o próprio cenário passou a ter bem menor importância. Como disse uma vez Júlio Gouveia, "a paisagem na televisão é o rosto humano". Para Durst e outros produtores, a visão subjetiva tornara-se muito mais importante do que a objetiva.

4-1952-1953

Historicamente o TV de Vanguarda pode ser dividido em três fases distintas: a das transmissões ao vivo (de 1952 a 1960); a do vídeo tape (de 1960 a 1962) e a fase que se seguiu à saída de Walter George Durst e de grande parte do elenco para a TV Excelsior, quando então a produção e direção do programa passaram para Benjamin Cattán, elemento que vinha do teatro (de 1962 a 1967).

Desde o início destinado a ser o cartão de visitas da emissora, o teatro de fôlego, o TV de Vanguarda não podia se permitir timidez em suas encenações. Superada a fase dos primeiros espetáculos, havia de se partir para realizações arrojadas que fizessem jus ao nome do programa. Diante do sucesso das apresentações iniciais que, com ou sem falhas — o telespectador ainda não podia ser muito exigente — sucediam-se quinzenalmente no vídeo, os produtores do TV de Vanguarda, mais especificamente Durst, abismavam-se maravilhados com os resultados obtidos em suas realizações algo tímidas, quase sempre apoiadas em scripts cinematográficos ou radiofônicos.

A imprensa, já mais amadurecida em relação à televisão, incentivava tais esforços e a cada novo espetáculo seguiam-se comentários elogiosos do esforço daqueles artistas. Em pouco tempo o programa consagrou-se como o melhor do gênero, ganhando quinzenalmente novos adeptos, inclusive pertencentes às classes mais intelectualizadas.

Assim, ao encenar corajosamente, com pouco mais de um mês de existência uma peça como Otelo de William Shakespeare, e algum tempo depois Henrique IV de Luigi Pirandello, o TV de Vanguarda subiu um degrau a mais no conceito da crítica e do público.⁽²⁰⁾ A televisão desde o início tinha uma proposição também cultural; ao apresentar tais autores aproximava-se desse objetivo, pois, se para muitos, Shakespeare e Pirandello eram conhecidos, para outros era a primeira vez que deles ouviam falar ou entravam em contato com suas respectivas obras. Por outro lado, a tarefa difícil de transpor tais textos para a televisão resultava num verdadeiro laboratório de pesquisa de som e sobretudo de imagens. (Foto 13)
Fazer para aprender era a regra e como não havia tempo para hesitações a solução estava em continuar, errar e, se possível, aprender.

Dois dias após a transmissão de Henrique IV, ocorrida em 8 de fevereiro de 1953, a encenação ganhou, na página do Diário da Noite destinada às notícias sobre Cinema, Rádio, Teatro e Televisão, uma foto mostrando Vida Alves e Dionísio Azevedo (papeltítulo) numa cena da referida montagem. Na legenda que acompanhava a fotografia comentava-se que a peça adaptada para o vídeo pelo produtor associado Walter George Durst fora "encenada com êxito extraordinário (...), cumprindo destacada atuação na direção geral de TV o jovem Cassiano Gabus Mendes, um dos grandes entusiastas do TV de Vanguarda..."⁽²¹⁾

Do elenco de Henrique IV participava ainda Lima Duarte que, em 1952, arrebatará o prêmio "Papagaio de Bronze" da ABEARRE como o melhor ator de TV.⁽²²⁾

Após o sucesso de Henrique IV, Ratos e Homens, de John Steinbeck e A Casa das Três Meninas, outra peça que despertou interesse foi As Raposas (The Little Foxes) de Lillian Hellman, em 19 de março de 1953, com Cassiano Gabus Mendes na direção geral do espetáculo e Lia de Aguiar vivendo a ambiciosa e calculista Regina Giddens, personagem esta que, no cinema, fora interpretada por Bette Davis.
Duas semanas após, a 15 de março, o TV de Vanguarda montou Casa de Estranhos, de Jerome Weidenan, outro exemplo de adaptação baseada no script que a obra tivera em sua versão cinematográfica e no próprio texto original do autor.

No dia seguinte à transmissão, o colunista E. M. em O Compromisso do Dia, coluna publicada no jornal Tablóide, fugia aos temas cotidianos para dedicar a pauta daquela data à transmissão de Casa de Estranhos. Observe-se nesse elogioso texto que transcrevemos a seguir a aproximação que E. M. faz do espetáculo apresentado com o "melhor cinema".
"Parabéns, PRF-3 TV!



(Foto 13) Lima Duarte e Dionísio Azevedo em Otelo (outubro de 1952).
TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo
Foto/Arquivo de Dionísio Azevedo

- (20) A encenação de Otelo ocorreu em outubro de 1952.
- (21) Diário da Noite, 10 de fevereiro de 1953.
- (22) O Melhor Ator da TV em 52, Diário da Noite, 11 de fevereiro de 1953.